

A REPORTAGEM EM QUADRINHOS COMO RECURSO JORNALÍSTICO

COMIC REPORT AS A JOURNALISTIC RESOURCE

EL REPORTE EN CÓMICS COMO RECURSO PERIODÍSTICO

Igor Leal Fontoura*
Rafael Kondlatsch**

RESUMO

Este artigo analisa uma reportagem de Jornalismo em Quadrinhos (JQ) para encontrar características do formato e discutir seu papel e possibilidades como transmissor de informação. Para cumprir este propósito, desenvolveu-se uma análise de conteúdo do trabalho *Pixação: uma questão de classe???*, produzida pelo jornalista brasileiro Alexandre de Maio e publicada na revista Fórum em abril de 2013. A análise foi feita sobre o material *online* disponibilizado pelo próprio jornalista. Como suporte metodológico, utilizamos também uma entrevista com o autor para esclarecer dúvidas com relação às suas práticas no processo produtivo de uma reportagem em quadrinhos. Concluímos com esse trabalho que a realidade é fator determinante para o Jornalismo em Quadrinhos, cumpre seu papel de aliar recursos verbais e não-verbais, dando uma dinamicidade e fluidez à reportagem que pode servir como uma forma de atrair um público mais jovem para o consumo de reportagens.

Palavras-chave: Jornalismo Em Quadrinhos. Histórias Em Quadrinhos. Gêneros Jornalísticos. Linguagem. Análise De Conteúdo.

ABSTRACT

This article analyzes a Journalistic news report in Comics (JC) to find characteristics of the format and discuss its role and possibilities as an information transmitter. To fulfill this purpose, it was developed a content analysis of the work *Pixação: uma questão de classe???*, produced by the brazilian journalist Alexandre de Maio and published by Forum magazine in April 2013. The analysis was done on the online material provided by the journalist himself. As methodological support, we also use an interview with the author to clarify doubts regarding their practices in the production process of a comic news report. We concluded with this work that reality is the determining factor to Journalism in Comics, fulfilling its role of combining verbal and non-verbal resources, giving a dynamic and fluidity to the report and can serve as a way to attract a younger audience to the consumption of news.

Keywords: Journalism In Comics. Comics. Journalistic Genres. Language. Content Analysis

RESUMEN

Este artículo analiza un informe de Periodismo en Historietas (PH) para encontrar características del formato y discutir tu papel y posibilidades como transmisor de información. Para cumplir con este propósito, se desarrolló un análisis de contenido, del trabajo *Pixação: uma questão de classe???* producido por el periodista brasileño Alexandre de Maio y publicado en la revista Forum en abril de 2013. El análisis se realizó en el material *online* proporcionado por el propio periodista. Como soporte metodológico, también usamos una entrevista con el autor, hecho por correo electrónico, para aclarar dudas con relación a tus prácticas antes y durante el proceso de producción de un informe en historietas. Concluimos con este trabajo que la realidad es factor determinante para el Periodismo en Historietas (PH), cumple su papel de combinar recursos verbales y no verbales dando un dinamismo y fluidez al informe periodístico que puede servir de camino para atraer a un público más joven para el consumo de informes periodísticos.

Palabras-clave: Periodismo En Cómic. Cómic. Géneros Periodísticos. Linguagem. Análisis de Contenido

*Formado em Jornalismo pelo Centro Universitário Unisecal. Pós-Graduando em MBA de Gestão de Eventos pela Faculdade Unyleya.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1895-6655>
E-mail: igor_leal@outlook.com

**Jornalista. Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Unisecal.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6361-4603>
E-mail: rkondlatsch@uepg.br

1 INTRODUÇÃO: JORNALISMO EM QUADRINHOS E A EXPANSÃO PARA NOVOS PÚBLICOS

No decorrer do tempo o jornalismo passou por diversas reinvenções adaptando-se a diferentes meios, linguagens e veículos de comunicação. O que começou apenas com publicações impressas acabou acompanhando o surgimento das novas plataformas. E mudaram também em conteúdo e forma, do jornalismo opinativo ao informativo, dos blocos infindáveis de textos às publicações mais enxutas, com imagens, infográficos e recursos visuais de apoio à leitura. Dentro deste contexto, surgiu o Jornalismo em Quadrinhos (JQ), que é visto como um método que se apropria de um elemento cultural ficcional e ilustrativo para oferecer histórias que são construídas por meio de critérios jornalísticos e apuração precisa.

Autores como Medeiros e Gomes (2013, p.6) o veem como uma inovação a partir de uma técnica já existente, uma forma de narrar histórias em imagens sequenciais, que nos são conhecidas desde que desenhávamos pinturas rupestres, mas agora com intenção e caráter mais aprimorados e próprios.

A relação entre o jornalismo e as histórias em quadrinhos (HQs) data do século XIX, mas oficialmente os quadrinhos só passaram a ser uma ferramenta do jornalismo em 1997, quando Joe Sacco publicou *Palestina: Uma Nação Ocupada*. No livro, considerado seminal para o estilo, Sacco conta os principais fatos sobre a guerra entre Palestina e Israel no formato de uma HQ. É a realidade tomando o lugar da ficção na plataforma, característica que serve para diferenciar o JQ das charges e tirinhas, que também são publicadas em jornais e revistas. Assim como na história original de Joe Sacco, no JQ aquilo que é ilustrado tem de ser relacionado ao mundo real e trata de uma fonte jornalística, seja personagem, entrevistado ou especialista no assunto. Por isso, as histórias retratadas requerem o mesmo cuidado e pesquisa jornalística como qualquer outra reportagem. Gomes (2009, p. 7) destaca que este formato não é apenas uma representação artística, mas uma nova ferramenta da comunicação na qual é possível aliar jornalismo e arte, construindo um formato cultural singular.

O JQ tem o papel de resgatar o aspecto crítico das HQs, que surgiram dentro dos veículos impressos como um elemento usado para expor os problemas sociais. Nicolau (2007, p. 8) explica que nos primórdios das histórias em quadrinhos, a tirinha era apresentada em jornais e revistas. O humor e a crítica eram traços marcantes que provocavam o leitor a refletir sobre a realidade social. Além do mais, o gênero se mostra como forma de produção cultural, área considerada escassa por alguns autores na elaboração de produtos jornalísticos de boa qualidade.

E mesmo existindo há mais de duas décadas, o JQ ainda é pouco explorado nos ambientes acadêmicos. As universidades, salvo exceções de algumas experiências isoladas como o jornal *Foca Livre*, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)¹, não têm mostrado interesse em inserir esta modalidade jornalística nos planos de ensino e assim diversos profissionais em formação acabam não tendo contato com o assunto. Uma exclusão que é ruim também para o próprio formato. “É só com o crescimento e a qualificação de pesquisas acadêmicas na área que o Jornalismo em Quadrinhos pode crescer e se consolidar como gênero jornalístico e também como objeto teórico merecedor de estudos” (PAIM, 2011, p. 27).

Mas apesar de caminhar em ritmo lento, existem profissionais dedicados à técnica. Entre eles está Alexandre de Maio, jornalista brasileiro especializado no gênero e que trabalhou em veículos de comunicação como a Playboy, Veja e Catraca Livre. Em um dos seus trabalhos mais emblemáticos, desenvolveu reportagens em parceria com o personagem fictício Carlos Carlos para a Revista Fórum sobre diversos temas da realidade nacional como uso de drogas, cotidiano das favelas brasileiras, povos indígenas, entre outros.

Neste artigo nos propomos a analisar uma de suas reportagens em quadrinhos intitulada Pixação: uma questão de classe???, veiculada na revista Fórum em abril de 2013, na qual o autor apresenta uma entrevista com Cripta Djan, pichador desde 1990.

Todo o texto é desenvolvido em HQ e o personagem do repórter, que representa todos os jornalistas da Revista Fórum, conduz a conversa passando por vários momentos da história nos quais o entrevistado e seus colegas vivenciam diferentes situações.

O objetivo é estudar as características do formato JQ para examinar a estrutura da matéria considerando seus aspectos estéticos e textuais; estabelecer as características que tornam o gênero um transmissor de informações por meio de um formato popular; e discutir as possibilidades de aumentar a frequência do jornalismo em quadrinhos pela mídia tradicional, inclusive como recurso de penetração nos públicos mais jovens. Pois, acreditamos que o JQ pode ser considerado um formato jornalístico não estático, que combina elementos verbais e não verbais e transmite a informação de maneira clara, precisa e dinâmica, dialogando com um formato bem conhecido deste público.

2. HISTÓRIA DOS QUADRINHOS NO JORNALISMO IMPRESSO

O surgimento dos quadrinhos está ligado diretamente aos primórdios da humanidade. De acordo com Araújo, Nardin, Tinoco (2010, p. 3), a gênese das histórias em quadrinhos aconteceu na pré-história, com os homens das cavernas registrando nas pedras parte da dinâmica da época. E no decorrer da história, são várias as expressões neste estilo. Os hieróglifos egípcios e as obras de arte são outros exemplos. No entanto, considera-se como marco das HQs a publicação de Yellow Kid, de Richard Outcault, no jornal New York World, no final do século XIX. Esta era a primeira vez que uma história em quadrinhos seria veiculada em um meio de comunicação de massa (LUYTEN, 1987, p. 16).

O aparente sucesso desta primeira história levou William Randolph Hearst a fundar o Morning Journal e concorrer pela atenção do público, o que ajudou a disseminar e popularizar as HQs, tornando os EUA “a pátria dos quadrinhos” (ANSELMO, 1975, p. 42). Segundo Luyten (1987, p. 20) os suplementos dominicais eram aguardados pelos leitores para acompanharem a continuidade das histórias de seus heróis.

No Brasil, As Aventuras de Nhô-Quim, iniciada por Angelo Agostini e finalizada por Cândido de Faria, entre 1869 e 1872 na revista Vida Fluminense, é considerada a primeira história em quadrinhos do país (CARDOSO, 2013, p. 22). Na sequência, por meio da Revista Ilustrada, Don Quixote e O Malho, são publicados cerca de 100 capítulos de As aventuras de Zé Caipora, narrativa que conta as peripécias do personagem José Corimba.

Assim, não há dúvidas que as HQs se desenvolveram graças ao seu sucesso dentro dos veículos de comunicação impressos. Gomes (2010, p. 32) destaca que “[...] a ligação entre quadrinhos e imprensa existe há tempos, quando os jornais norte-americanos e europeus publicavam caricaturas de veia humorística com alguns diálogos”.

Luyten (1987, p. 18) defende ainda que a inserção das histórias em quadrinhos nos veículos impressos ajudou a alavancar as próprias vendas dos jornais, o que fez a imprensa voltar seu olhar para desenhistas da época.

A supervalorização das HQ, devido à exigência dos leitores, mostrou aos empresários que os quadrinhos tinham o seu lugar assegurado, e eles 'compreenderam' rapidamente o fenômeno saindo à procura de autores cada vez melhores, criando uma efervescência no setor (LUYTEN, 1987, p. 18).

Essa abertura dada pelos impressos fez com que novas possibilidades comunicacionais surgissem para as HQs. No início do século XX, além das publicações periódicas em jornais, surgiu a comercialização através dos syndicates, órgãos especializados em distribuição de histórias em quadrinhos, o que possibilitou a criação de personagens icônicos como Rupert, Mickey Mouse e Flash Gordon (ANSELMO, 1975, p 50-53).

Atualmente, o entretenimento é o ramo mais forte do gênero. A editora Marvel Comics domina o mercado. De acordo com dados oficiais publicados no site da Diamond Comics, responsável por distribuir as revistas para as lojas americanas, X-Men #1, Moon Knight #1 e Extreme Carnage Alpha foram as HQs mais vendidas em julho de 2021 nos EUA². No Brasil, as editoras Panini e Abril movimentam o mercado. A primeira, com a tradução de títulos da Marvel e DC, e a segunda com os personagens da Disney. Quanto às produções nacionais, pode-se citar a contribuição de Maurício de Sousa com a Turma da Mônica, voltada para o público infanto-juvenil. No jornalismo impresso, os quadrinhos são basicamente explorados através de charges e tiras. Laerte, Jaguar e Ziraldo estão entre os principais nomes do gênero no país.

2.1 Quadrinhos como gênero jornalístico

Antes de tratar sobre as características dos quadrinhos, se faz necessário diferenciar quadrinhos de entretenimento e quadrinhos no meio jornalístico. Bucci (2007, online) cita que a palavra entretenimento é de origem latina e que pode ser entendida “[...] como aquilo que ocorre no tempo do lazer – que não pertence ao tempo do trabalho –, nas horas vagas, no passatempo, no intervalo entre duas atividades ditas sérias”. Quanto ao jornalismo, Traquina (2005, p. 19) entende o mesmo como um relato, por meio das notícias, de “[...] tudo o que é importante e/ou interessante”.

A dinâmica dos quadrinhos exemplifica na prática a diferença entre os conceitos. Como dito, as HQs surgiram no jornalismo impresso e, apesar de sua veia humorística, a crítica social era um dos principais elementos observados na época. Furlan (1984, p. 26) dá como exemplo as histórias de Richard Outcault: “‘Down Hogan’s Alley’ pode ser considerada uma predecessora do gênero de HQ, pois utiliza-se do balão, além de, por sua natureza debochada e sensacionalista, ter dado origem à expressão ‘imprensa amarela’ nos EUA [...]”.

Assim como as histórias em quadrinhos evoluíram no decorrer do tempo, o mesmo aconteceu com as suas críticas sociais, que passaram a ser cada vez mais incisivas e pautadas nas próprias notícias dos jornais.

[...] as tiras de humor tinham liberdade crítica sobre os costumes e a moral da época muito mais que outros gêneros, pois se tratava de uma forma de expressão inédita e inesperada, com características próprias. E os humoristas desenvolveram uma comunicação com o público que se sustentava intensamente nesta liberdade (NICOLAU, 2007, p. 3).

O humor aliado à crítica foi o que permitiu com que os leitores se aproximassem cada vez mais dos quadrinhos e, quanto mais essa relação se consolidava, mais se sentiu a necessidade de propor novos conceitos. Soares (1984, p. 60) explica que no Brasil os quadrinhos seguiam essencialmente um padrão americano, voltado à criação de uma realidade que não condizia com o que se vivia aqui. No entanto, sindicatos, igrejas e outros órgãos foram responsáveis pelas primeiras tentativas da popularização das HQs por meio de produções próprias. Um dos exemplos citados pelo autor são as “Séries Sagradas”, histórias curtas voltadas para o público infantil que tinham o objetivo de evangelizar e complementar os estudos feitos em catequese.

A partir deste momento, um novo conceito se estabelece. Os quadrinhos, agora, podem atender a interesses específicos das instituições, além de serem usados como meio de entretenimento, principalmente entre os jovens. Essa consolidação como forma de lazer aliada à diminuição do espaço dos jornais, fez com que os quadrinhos fossem menos explorados pelos veículos impressos, realidade que segue até hoje.

2.2 A linguagem do jornalismo em quadrinhos

Quando se fala em linguagem de quadrinhos já há uma conexão imediata entre texto e imagem. Uma associação que é inerente ao formato e que, no JQ, precisa ser levada em conta desde o início do processo de produção da reportagem. Segundo Joe Sacco³ o trabalho do jornalista em quadrinhos segue a mesma rotina profissional dos demais repórteres, com o caderninho de notas, perguntas, apuração, redação etc. Entretanto, é necessário guiar a entrevista considerando os aspectos visuais que envolvem os acontecimentos a serem relatados.

Eu ajo como qualquer outro jornalista: tomo notas, falo com as pessoas, faço entrevistas. A diferença é que, quando entrevisto as pessoas e quero apurar algo que já aconteceu, não pergunto 'o que aconteceu com você?', faço perguntas que envolvam o visual, que me ajudem a desenhar depois. Se falam de um campo, pergunto o que há nesse campo, como era, do que se lembram (SACCO, 2017, online).

Há, assim, uma complexidade a mais na rotina profissional das reportagens em quadrinhos, pois o JQ adiciona ao texto recursos não verbais que não são capturados instantaneamente por aparatos como câmeras ou filmadoras. Os cenários e ambientes precisam ser reconstruídos pelo repórter que os usará não apenas como um recurso ilustrativo, mas que "[...] representam aspectos de oralidade e reúnem os principais elementos narrativos, apresentados com o auxílio de convenções que formam o que estamos chamando de linguagem dos quadrinhos" (RAMOS, 2009, p.18). Vale ressaltar que, apesar de utilizar de um recurso mais popular no âmbito do entretenimento, as matérias do gênero têm o mesmo compromisso jornalístico de outras produções. “Essas apropriações trazem riquezas ao texto e as figuras são elaboradas de acordo com dados não ficcionais, ou seja, a veracidade não pode ser questionada por basear-se em

documentos e entrevistas com fontes confiáveis” (SANTOS; CAVIGNATO, 2013, p. 221). Essa dinâmica traz novas possibilidades para a arte sequencial que, segundo Eisner (1999, p. 5), é “[...] uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história, ou dramatizar uma ideia”. Com este cenário, os quadrinhos passam a ter uma postura mais atuante dentro dos veículos impressos, adotando a mesma postura de contar fatos por meio de personagens reais e apuração precisa.

2.3 Critérios para análise do objeto de estudo

Para este artigo conduzimos uma abordagem qualitativa descritiva com redução, categorização e interpretação de dados (GIL, 2002). A escolha do trabalho de Alexandre de Maio se deu por este ser um profissional nacional e possuir uma produção substancial⁴ no formato estudado. Foram analisados seus principais trabalhos e optou-se pelo uso da matéria Pixação: uma questão de classe??? por ser um assunto com pouca visibilidade na mídia tradicional e que desperta particular interesse dos autores desta pesquisa. Foram estabelecidos três critérios para análise dos quadrinhos, são eles: quais quadros fazem referência à linguagem televisiva na sua apresentação; a quantidade de vezes e em qual contexto aparece a figura do repórter e como o assunto é explorado.

Além da análise, foi realizada uma entrevista com Alexandre de Maio com objetivo de obter mais detalhes sobre o objeto de estudo. A entrevista foi encaminhada por e-mail no dia 15 de abril e respondida em 01 de maio de 2017.

3. ANÁLISE DA REPORTAGEM EM QUADRINHOS

3.1 Referências na elaboração dos quadrinhos

Ao longo da análise pode-se perceber que a reportagem em quadrinhos de Alexandre de Maio utiliza de elementos televisivos para compor a narrativa, começando pela apresentação da matéria, que é conduzida por um repórter com um microfone. O uso deste formato é permitido dentro da linguagem dos quadrinhos e representa sua inspiração em outros veículos de comunicação.

Para realizar a análise deste trabalho, cada um dos 26 quadros da reportagem foi analisado separadamente. Deste total, constatou-se que 22 destes têm referências televisivas e apenas quatro mantêm características próprias dos quadrinhos (as figuras 1, 2 e 3 trazem exemplos deste uso de base televisiva para a composição da reportagem em quadrinhos). Para organizar os quadros constantes na reportagem, optou-se por separar cada fragmento por ordem numérica – do primeiro ao último – precedidos da letra “Q” resultando assim em sequência do Q1 ao Q26.

Já no primeiro quadrinho (Q1), percebe-se uma típica característica televisiva que é a coleta de sonoras⁵. Esta imagem é vista comumente em reportagens da TV, conforme mostra a comparação (Figura 1).

Figura 1 - Q1 em comparação com uma imagem de reportagem televisiva



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, *online*) e Youtube⁶.

Nesta mesma linha, o Q17 também pode ser usado como exemplo porque traz uma imagem de quatro pessoas viradas de costas em frente a um painel da Polícia Civil. Esta referência é muito comum em reportagens televisivas e impressas que mostram esquemas criminosos (Figura 2).

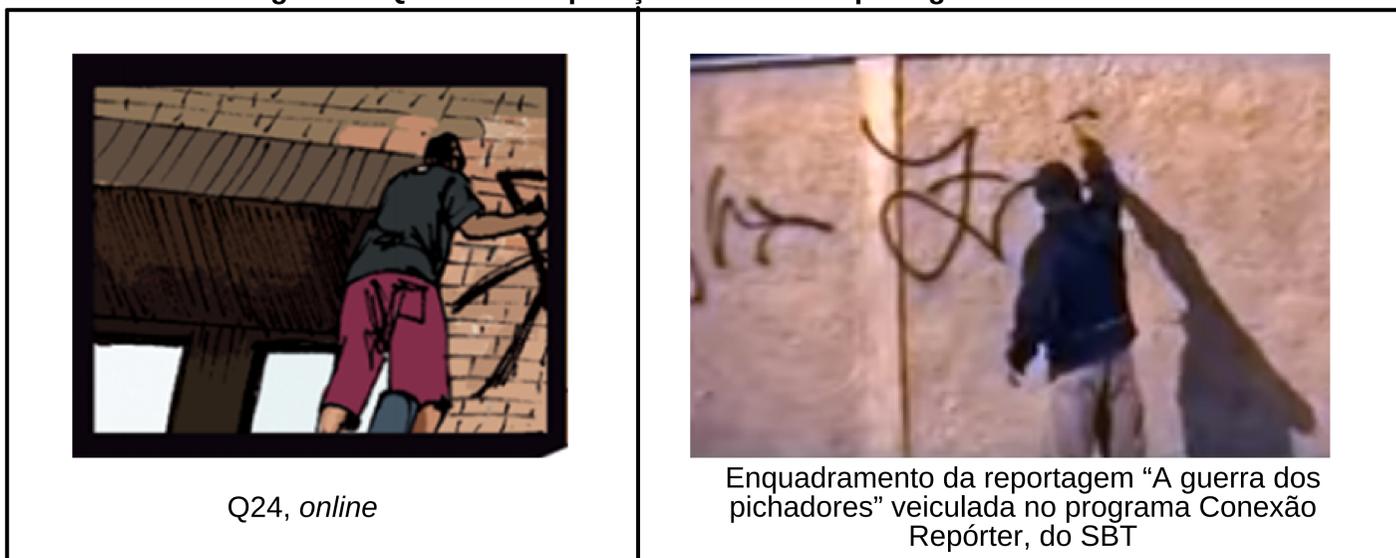
Figura 2 - Q17 em comparação com uma reportagem policial



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, *online*) e Portal R7⁷.

No terceiro exemplo (Figura 3) trazemos o Q24 no qual é possível perceber uma cena no estilo plano americano (enquadramento da pessoa com corte da imagem na altura do joelho), bem comum na cobertura televisiva. A Figura 3 comprova esta correlação.

Figura 3 - Q17 em comparação com uma reportagem televisiva



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, *online*) e Youtube⁸

Como mencionado, a partir da análise foram percebidos apenas quatro fragmentos que remetem às características típicas dos quadrinhos. A principal delas é algo que Eisner (1999, p. 63) chama de requadro na qual "[...] tenta-se uma síntese de velocidade, ação de múltiplos níveis, narrativas e dimensões de palco". Abaixo, (Figuras 4 e 5) foram separados dois exemplos para comparação.

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/32pIRcT>. Acesso em: 06 jun. 2021.
⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3nXdsXS>. Acesso em: 06 jun. 2021.
⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3cRXmlt>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Figura 4 - Q12 em comparação com história em quadrinho da DC Comics



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, online) e Liga da Justiça da América, 2013

Figura 5 - Q19 em comparação com história em quadrinho da DC Comics



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, online) e Batman: A Piada Mortal, 2013.

Alexandre De Maio (2018) afirmou em entrevista aos autores deste trabalho que não usa referências televisivas em suas matérias. Porém, pode-se concluir com base na análise que, mesmo que não seja proposital, a reportagem tem uma dinâmica bem televisiva, despertando a sensação nos leitores de que o veículo foi transportado para as páginas da revista.

3.2 A presença do repórter

Alexandre de Maio afirma que a inclusão do repórter na matéria é um elemento proposital que agrada ao autor.

Eu ajo como qualquer outro jornalista: tomo notas, falo com as pessoas, faço entrevistas. A diferença é que, quando entrevisto as pessoas e quero apurar algo que já aconteceu, não pergunto 'o que aconteceu com você?', faço perguntas que envolvam o visual, que me ajudem a desenhar depois. Se falam de um campo, pergunto o que há nesse campo, como era, do que se lembram (SACCO, 2017, online).

A afirmação do quadrinista vem ao encontro da percepção de Carvalho (2010, p. 58) que valoriza a participação do jornalista como elemento de atração da atenção do telespectador para a reportagem. A análise mostra que dos 26 quadrinhos analisados o repórter Carlos Carlos aparecia em cinco deles (Figura 6). No primeiro exemplo (Q1), ele divide espaço com o pichador Cripta Djan e apresenta-o ao público. No segundo caso (Q2) ele ocupa todo espaço do quadrinho, ganhando destaque, e se posiciona com um celular na mão, como se estivesse filmando a entrevista.

⁹ Nossas personagens: AP, cônsul da Venezuela, ativista político e DS, estudante de jornalismo, da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS), e faz parte do coletivo juventude negra do Centro de Defesa do Negro no Pará (CEDENPA), e membro da comissão organizadora do encontro Nacional de estudantes de Comunicação (2018). Por questões estéticas os nomes serão omitidos.

Na terceira aparição (Q6) CarlosCarlos está ao fundo da imagem, dividindo espaço com Cripta Djan e ainda com o celular na mão. No quarto exemplo (Q10), repórter e entrevistado ainda aparecem juntos, mas desta vez CarlosCarlos não está com celular e o quadrinho remete mais a uma conversa que propriamente à entrevista. Já na última vez em que o repórter aparece (Q14) ambos os personagens são mostrados sentados, com uma imagem de favela ao fundo e parecem finalizar a conversa.

Figura 6 - Compilado de aparições do repórter CarlosCarlos na reportagem Pixação: uma questão de classe???



Fonte - Dos autores com base em De Maio (2013, online).

Apesar de não ser o foco desta análise, percebemos em todas as reportagens constantes no portfólio do artista que há a presença de CarlosCarlos, o que confirma a predisposição do desenhista em acrescentar a figura do repórter em seus trabalhos.

3.3 Abordagem do assunto

Quando questionado, Alexandre de Maio (2018) explica que não há uma regra clara para definir o assunto que deverá ser veiculado em formato jornalismo em quadrinhos e que tudo depende do posicionamento editorial do veículo de comunicação. Ele afirma que a revista Fórum optava, preferencialmente, por dar destaque às causas sociais e que ele e o repórter CarlosCarlos sugeriam pautas e as trabalhavam em conjunto. No caso da reportagem Pixação: uma questão de classe???, o artista explica que a proposta da matéria foi dele.

Eu conheço o (Cripta) Djan, um pichador renomado há muitos anos e eu já acompanhava toda história meio de perto, então vi tudo que aconteceu, todo lance da arte, da invasão dos lugares, do conceito que a pichação começou a tomar e o (Cripta) Djan é um cara que está sempre aberto a trocar ideias, então a gente marcou um dia e fizemos nossa entrevista, mas eu conhecia grande parte da história, tinha feito matérias escritas sobre ele algumas vezes e fiz uma revista de grafite por muitos anos (DE MAIO, 2018).

Apesar de Alexandre de Maio (2018) conhecer a fonte, a entrevista foi conduzida por CarlosCarlos e parte desta conversa é representada na própria matéria. O repórter inicia apresentando Cripta Djan ao público e pergunta como começou a história dele dentro da pichação. O entrevistado conta sobre sua intimidade com a atividade e, como a pichação é vista com maus olhos pela sociedade.

Em seguida CarlosCarlos já conduz a conversa para um incidente de 2008 (Figura 7) no qual Cripta Djan e cerca de 40 pichadores invadiram a Universidade Belas Artes e picharam as paredes, causando danos nos prédios. O entrevistado explicou o que aconteceu naquela ocasião e o repórter complementou com uma pergunta que manifestava sua opinião sobre o tema, o que demonstra certa liberdade e como a reportagem tem um viés mais personalizado, com o jornalista tomando um posicionamento dentro do contexto da entrevista.

Figura 7 - Momento em que o repórter CarlosCarlos pergunta sobre o incidente na Universidade Belas Artes



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, online).

De forma geral, a matéria é conduzida toda com linguagem informal, abusando de gírias e até mesmo palavrões. Chamou a atenção que em alguns momentos o texto sobrepõe de forma bastante acentuada as imagens, com cerca de cinco a seis balões com bastante texto (Figura 8). Essa utilização demonstra uma supremacia da fala sobre as imagens, algo que não é muito comum nos quadrinhos de heróis. Ademais, remete a uma necessidade de adaptação para o formato do JQ daquilo que na TV se faz com o uso do OFF, que é a locução ou fala do entrevistado sendo coberta por imagens relacionadas ao texto. Questionado se fazia isso propositalmente, de Maio (2018) destaca que houve um debate no início sobre como fazer o equilíbrio de texto e imagem, mas que isso foi superado e adotou o modelo atual.

Figura 8 - Momento em que o repórter Carlos pergunta sobre o incidente na Universidade Belas Artes



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, online).

Temporalmente a reportagem trabalha com um sistema de flashbacks no qual o desenhista intercala imagens entre o cenário da entrevista e a representação da resposta dada por Djan. Essa dinâmica está presente praticamente em toda a HQ e ganha mais destaque quando o entrevistado fala sobre os incidentes na Universidade das Belas Artes e Galeria Choque Cultural (Figura 9). Apesar de serem situações que antecedem a entrevistas, de Maio (2018) afirma que todos os cenários são reais, pois dentro do jornalismo em quadrinhos a representação mais próxima da realidade é um requisito obrigatório.

Figura 9 - Momento em que Djan explica sobre a Galeria Choque Cultural



Fonte: Dos autores com base em De Maio (2013, online).

Ao longo da leitura da reportagem, há vários momentos no qual são inseridos quadros laranja com informações descritas pelo próprio autor da matéria. Estes elementos fazem o papel dos boxes das reportagens escritas que trazem informações complementares e que ajudam a situar o leitor sobre a situação em questão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho pode-se perceber que o que torna o JQ algo mais próximo do jornalismo, em comparação com as charges e tirinhas, é a realidade. Afinal, enquanto chargistas recortam a realidade e trabalham com uma opinião ácida e quadrinistas constroem personagens para contar uma história com fundo incerto de verdade, o JQ se apropria de personagens e cenários reais.

Quanto à análise da reportagem, é possível afirmar que a presença do repórter enriquece a matéria, pois dá identidade e dinamicidade à história, tornando-a uma espécie de entrevista ilustrada e que lembra muito uma conversa entre duas pessoas.

O uso da linguagem informal marca a oralidade e expõe as características do entrevistado, dando uma fidelidade ao material. Com relação à sobreposição do texto sobre a imagem é possível afirmar que em alguns quadros há um prejuízo de entendimentos sobre o caminho do texto e é preciso ler mais de uma vez para compreender a ordem dos balões.

Ao manter um cenário fixo, no qual o repórter entrevista Djan e desenha momentos que são citados na matéria, o desenhista consegue exemplificar o que está sendo falado, tornando a reportagem mais fidedigna aos fatos narrados. Pode-se perceber também que a reportagem parece imitar uma matéria veiculada na TV, dando a sensação de que o veículo de comunicação foi traduzido para as páginas de um meio de comunicação impresso.

Por fim, vale ressaltar que o jornalismo em quadrinhos cumpre seu papel de aliar recursos verbais e não verbais, dando uma dinamicidade e fluidez à reportagem sem deixar de manter as características dos quadrinhos. Além do mais, esta ferramenta representa o intenso espírito de inovação do jornalismo, que se utiliza de vários recursos com um único objetivo: transmitir a informação para todos os públicos, o que pode, inclusive, resultar em uma sobrevida entre os mais jovens.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, Zilda Augusto. **Histórias em quadrinhos**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; NARDIN, Heliana Ometto; TINOCO, Eliane de Fátima. **Criação e técnica**: as histórias em quadrinhos como recurso metodológico para o ensino da arte. Revista Idea, Uberlândia, volume 1, n 2, jan/jul 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3yfR7rN>. Acesso em: 09 dez. 2021

BUCCI, Eugênio. **Tv pública não deve fazer entretenimento**. Observatório da Imprensa, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3D26kha>. Acesso em: 21 out. 2021.

CARDOSO, Athos Eichler. **As Aventuras de Nhô-Quim & Caipora**: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883/ Angelo Agostini. Brasília/DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

CARVALHO, Alexandre. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DE MAIO, Alexandre. **Pixação uma questão de classe???** Disponível em: <https://alexandredemaio.com.br/pixacao-revista-forum> Acesso em: 09 dez. 2021.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FURLAN, Cleide. HQ e os “syndicates” norte-americanos. In: LUYTEN, Sonia. **Histórias em quadrinhos**: leitura crítica. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 26-33.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em Quadrinhos**: território de linguagens. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Cidade?. Anais [...]. Cidade? : Intercom, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3FPKPBT>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em Quadrinhos**: mediações e linguagens imbricadas nas reportagens Palestina – Uma Nação Ocupada e em O Fotógrafo. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3CZVTdD>. Acesso em: 22 out. 2021.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é histórias em quadrinhos**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MEDEIROS, Eduardo Luis Mathias. GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em Quadrinhos na Revista Fórum**: Nova Prática Jornalística no Brasil. Universidade Estadual de Mato Grosso, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3D7YjHz>. Acesso em: 03 set. 2021.

NICOLAU, Marcos. As tiras de jornal como gênero jornalístico. **Revista Eletrônica Temática**, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3p1QE8s>. Acesso em: 17 set. 2021.

PAIM, Augusto Machado. **Jornalismo em Quadrinhos**: Reflexões sobre a utilização da arte sequencial como suporte ao conteúdo jornalístico. Centro de Educação Superior Norte – RS, julho de 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3oXDQ2W>. Entrevista concedida a Marcos Antonio Corbari.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SACCO, Joe. **Joe Sacco, criador do jornalismo em quadrinhos, fala sobre como escolheu sua carreira.** Maio de 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3xrn6VE>. Acesso em 21 out. 2021. Entrevista concedida ao portal Guia do Estudante.

SANTOS, Roberto Elísio. CAVIGNATO, Denise. A renovação da linguagem jornalística no jornalismo em quadrinhos. **Revista Estudos da Comunicação**, Curitiba, v.14, n. 34, p 207-223, mai/ago 2013.

SOARES, Ismar de Olivera. HQ e publicações populares. In: LUYTEN, Sonia. **Histórias em quadrinhos: leitura crítica.** São Paulo: Paulinas, 1984. p. 59-66.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2ª ed, v. 1, 2005.

Artigo recebido em: 23 out. 2021. | Artigo aprovado em: 03 dez. 2021.